

O MIGRANTE ENCORTIÇADO E SUA CONSCIÊNCIA RELIGIOSA

Maria Angela V. M. Furquim de Almeida *

Este artigo sobre representações religiosas de migrantes encortiçados procura, a partir das condições materiais e sócio-culturais de existência, compreender e demonstrar o processo de formação da consciência religiosa. O conjunto dessas representações não é entendido como isolado e autônomo em relação à totalidade das representações socialmente construídas e verificadas.

Ou seja, guarda íntima e inseparável relação com as demais representações e práticas sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, os conteúdos da consciência religiosa estão relacionados à maneira pela qual o migrante encortiçado apreende, interpreta e representa as condições materiais de existência, a si próprio, a sua vida, a vida de outros migrantes encortiçados, a vida dos demais grupos sociais e suas inter-relações tanto no local de origem como em São Paulo. O campo de nossas investigações e pesquisas se restringe ao bairro do Bexiga. Este bairro se localiza na zona central de São Paulo.

AS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS E SUA BASE MATERIAL

Nosso ponto de partida para o estudo das representações religiosas é o migrante encortiçado, seu produtor.

As idéias e representações são linguagens da vida real. Assim sendo, o sujeito que fala através das representações é a própria vida real. Sua linguagem usando de símbolos e formas aparentemente diretas e simples é grávida de sentido,



Arquivo CEM



Arquivo CEM

de visões e apropriações do mundo. Nesta linguagem está em criação e movimento toda a subjetividade, a intuição, o saber, a memória, os projetos, as lutas: toda a práxis.

As visões de mundo, as tradições que traz de seu local de origem, bem como as representações, valores e símbolos com os quais entra em contato em São Paulo emergem e integram o sistema global de representações de uma estrutura sócio-econômica, política e cultural que se organiza a partir do princípio da divisão do poder, baseada na exploração e expropriação e que busca se manter e perpetuar através de vários mecanismos, entre os quais a produção de ideologias de legitimação e justificação.

Assim, garantindo a relevância do fato do migrante provir de regiões com formações e manifestações históricas e culturais diferenciadas, mais relevante é o fato que estas formações têm em comum elementos nevrálgicos fundamentais: o sistema de produção e as condições materiais de existência que impossibilitam a permanência do trabalhador em seu local de origem.

Ao afirmarmos que as representações e práticas religiosas, como linguagem que são da vida real, emergem de uma base material, não estamos de forma alguma reduzindo o fenômeno religioso ao plano material. Estamos nos pronunciando sobre as condições de possibilidades pelo conjunto das relações de produção a partir das quais os migrantes encortçados, homens reais, ativos e

criadores, intuem, percebem e elaboram suas representações religiosas.

A FRAGMENTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O migrante encortçado tem sua vida real fragmentada pelas condições materiais e sócio-culturais de existência.

Ainda na terra de origem o sistema de exploração a que foi submetido, bem como o conjunto de interpretações, explicações e cosmovisões de caráter mítico, parcial e alienante que seu grupo social recebia, conservava, reinterpretava e difundia, concorreram para a fragmentação de sua percepção do real, comprometendo sua compreensão de si mesmo, das relações sociais, do sistema econômico, do mundo e da vida.

A experiência da migração e a instalação em São Paulo, mantêm e potencializam a fragmentação da consciência. Neste centro urbano-industrial, o migrante é mão de obra facilmente substituível e com baixa remuneração, pois é despreparado para enfrentar e compreender as formas, exigências e leis que regem o mercado de trabalho. Como alternativa para satisfazer a necessidade de moradia a custos que consiga fazer frente, e cuja localização não seja por demais distante do local de trabalho, o migrante vê-se reduzido ao encortçamento.

No cortiço, a falta de espaço e de privacidade, a promiscuidade, a polui-

ção sonora, auditiva e olfativa, a utilização obrigatória de áreas comuns como banheiros e tanques, a insegurança causadas pelos constantes aumentos de aluguel e ameaças de despejo, a figura do intermediário, contribuem para fragmentar ainda mais a consciência do migrante, posto que exercem influências desagregantes em sua capacidade de reflexão, elaboração e síntese. Em seus sentimentos, valores e crenças. Em suas relações familiares e grupais.

Por estas razões, o fato de ser confinado em um cortiço marca e distingue este migrante em relação ao que mora em periferias e favelas.

Desta forma, é a partir da vida real fragmentada que acontece no cortiço que o migrante encortçado elabora suas representações religiosas e vive sua fé, pois é nele e a partir dele que são estabelecidas suas relações com o mundo, com os demais grupos sociais, com a cidade de São Paulo. O cortiço é o local a partir do qual os migrantes encortçados entram em contato com a multiplicidade de valores, símbolos, visões de mundo, comportamentos e práticas presentes na cidade, e que exigem dele a constante e difícil tarefa de decodificação, reelaboração e síntese.

São Paulo é para o migrante encortçado um novo mundo, uma nova realidade que precisa ser compreendida e ordenada. Muitas vezes esta nova realidade inviabilizará as antigas noções trazidas dos locais de origem, revelando sua fragilidade e inadequação: "Lá o povo falava que era assim... aqui não dá mais certo". Circunstâncias haverá também que São Paulo não terá espaço para os antigos símbolos, tradições e representações que davam sentido e marcavam a vida social. Estes, não podendo mais serem vivenciados, ficarão apenas na memória coletiva, seletiva e idealizadora como bens que foram perdidos e aos quais sempre se continuará saudosamente desejando. Como os sistemas simbólicos e de representações acham-se envolvidos por uma forte carga afetivo-emocional a verificação de sua inadequação, a falta de espaços para serem vivenciados, a necessidade de substituí-los na nova realidade sócio-econômica, contribuem para a fragmentação

do migrante encortçado em nível de seus sentimentos. Nas tentativas de síntese que vagarosa e sofridamente o migrante encortçado vai fazendo, permanecem por longo tempo juntas, mas não assimiladas; justapostas, mas não integradas, explicações, visões de mundo, representações e práticas religiosas trazidas do interior e aquelas encontradas na capital.

A experiência da fragmentação da consciência religiosa traz a sensação de perda de referenciais, de unidade, de caos. É o que expressa Ana, mineira da região de São Francisco:

- "Os homens tiraram os feriados que Deus deixou planejado no mundo. Não tem mais a festa do Senhor Bom Jesus da Lapa, de São João, de São Pedro e do Senhor Santo Antônio. Dia santo finíssimo que os homens querem tirar é do Corpo de Deus. É por isso que Deus manda estas desgraças todas: secas, enchentes, doenças, pobreza. É o fim do século, o fim do mundo mesmo. Os homens não respeita mais Deus e os Seus segredos".

A RELIGIÃO COMO EIXO ORDENADOR DOS FRAGMENTOS DA CONSCIÊNCIA

Como no caos não se sobrevive, na desordem total se chega à loucura, o migrante encortçado elabora a seu modo, ainda que de forma embrionária, uma lógica e um sentido, capazes de articular e ordenar os fragmentos da consciência. As representações e práticas religiosas se constituem em eixo de ordenação e sentido. Ou seja, é através do sagrado que o migrante encortçado ordena, compreende, explica e se relaciona consigo próprio e com o mundo. Ele lê o mundo em chave religiosa. Para ele o sagrado é o real do qual as situações e a história emanam e são manifestações. Desta forma as representações religiosas, ao ordenarem a seu modo os fragmentos da consciência, cumprem o importante e decisivo papel

de permitirem ao migrante continuar vivendo.

As representações religiosas são pois necessárias para o migrante encortçado articular, e de algum modo unificar, os fragmentos de sua consciência em uma teoria explicativa e organizadora do real. Entretanto, paradoxalmente, a religião promove uma transfiguração da realidade que pretende explicar, ou seja, ao explicar a realidade, a religião a transforma de tal modo que ela chega à primeira vista a ficar encoberta e irreconhecível, a ponto de, ao explicar o mundo pela chave religiosa, o migrante encortçado corre o risco de perdê-lo. Apresentando características de reprodução, legitimação e/ou contestação das condições materiais e sócio-culturais de existência, a religião é uma forma de conhecimento ao mesmo tempo totalizador, unificador e fragmentado da realidade.

Na lógica religiosa do migrante encortçado Deus é percebido e representado como o Criador, Senhor da vida e da morte, atento a todos os acontecimentos, que vê o homem por inteiro e que se preocupa sobretudo, mas não somente, com a salvação eterna, mas também com o bem estar material, físico e emocional. É o Grande Legislador que tudo regula e determina. É o Juiz que julga, condena, ensina e salva. É o Todo Poderoso que transforma a doença em saúde, o desespero em paciência, que provê a vida e ilumina os caminhos. Deus-vida-homem-mundo são categorias que não se separam. Estão imbuídas da mesma racionalidade. A partir de Deus se explica o mundo. A partir do mundo e da vida se compreende Deus. A ausência de Deus é morte, desespero, loucura. Neste sentido a secularização urbana atenta contra a vida do migrante encortçado. Tira-lhe o sentido, a forma de compreender-se, de compreender os outros, a sociedade, a vida.

No centro desta lógica, fundamentando-a, está a dialética entre o Bem e o Mal, Deus e o demônio, exprimindo o princípio da contradição na luta pelo poder. Pela densidade simbólica, e por reproduzir o pensamento do migrante encortçado em geral, transcrevemos a

fala de Josué a respeito desta luta ancestral. Josué é paranaense. Como outros migrantes encortçados tem uma história de migração religiosa. Foi criado na Igreja Batista, passou pela macumba, foi católico e hoje é pentecostal. Ele diz: "No começo não tinha demônio. Deus tinha feito só os anjos. Tinha um que era muito importante, muito bonito. Teve um dia que Deus precisou sair um pouco do trono dele. Aí o anjo, esse tal de anjo, sentou lá. Quando Deus chegou do lugar onde tinha ido o anjo não quis levantar do trono de Deus e dar a cadeira para ele, que era dele. Deus então mandou o anjo sair e ele disse que queria ficar sentado ali que não saía. Então Deus ficou bravo e expulsou o anjo do Paraíso. O anjo ficou com muita raiva de Deus e disse que daquela hora em diante só ia fazer para atrapalhar Deus e virou Satanás. Ele trouxe para o mundo a doença, os sofrimentos, a inveja, os vícios. Deus então pôs o anjo Gabriel com uma espada de fogo na mão para vigiar a porta do Paraíso e não deixar mais o anjo que virou Satanás entrar lá".

Fica claro na narrativa que a luta provocada pelo anjo é uma luta que objetiva conquistar o poder, expresso pelo símbolo do trono. No desfecho da mesma, Deus é o vencedor. Fica com o trono, mas não elimina o concorrente, o anjo mau. Ocorre uma divisão de territórios demarcada pelo anjo Gabriel com sua espada de fogo. O território de Deus é o céu, o do demônio é o inferno. A terra é o campo da batalha interminável na qual os contendores - Deus e o demônio - estarão até o fim dos tempos a guerrear. Também o homem com seu corpo, sua mente e seu espírito é campo de luta. Nele, forças estranhas e superiores se engalfinham em batalhas sem tréguas. Ele é o troféu, objeto de conquista que buscam os adversários através de estratégias incompreensíveis e misteriosas. Para fazer frente a Satanás, Deus deixou leis e normas para serem seguidas. Mas o seguimento é difícil, e muitas das leis incompreensíveis. "Eu não entendo porque Deus quer assim. Mas ele não precisa explicar nada. Ele quer porque quer e



pronto. Nós temos que obedecer”, nos disse Nilza, acostumada que foi a cumprir ordens, a obedecer sem entender o porquê, a viver em uma ordem econômica e social cujas regras de funcionamento lhe escapam ao sentido. De fato, o migrante encortiado faz a experiência real de ser enxotado de sua terra natal por força de um jogo econômico do qual ele não participa enquanto sujeito, mas sim como objeto, sofrendo as conseqüências de decisões, regras e estratégias das quais desconhece os princípios. Neste jogo, para sobreviver ele decide migrar. Deve conformar-se com as perdas, separações e sofrimentos. Em São Paulo, as mesmas forças

econômicas continuam sua batalha expropriatória de moradia, afetividade, poder, dignidade e vida.

Ao elaborar, aceitar e reforçar o simbolismo da luta entre Deus e o demônio, o migrante encortiado transfere para o sagrado o controle e o arbítrio das relações econômicas ao mesmo tempo que reproduz no plano das representações religiosas as lutas sociais e a estrutura de poder vigente. O processo de simbolização religiosa, elaborado a partir das experiências da vida real, cumpre assim sua função de chave explicativa e de sentido para a existência real ao mesmo tempo que expressa e

representa as condições materiais e sócio-culturais de existência.

* Maria A.V.M.F. de Almeida é pós-graduada em Ciências da Religião-PUC/SP e em Teologia Sistemática-FAI, e membro da Pastoral da Moradia.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Gramsci, Antônio. *Introducción a la filosofía de la práxis*. IN Assmann, Hugo — Mate. Reis. *Sobre la Religión*. Salamanca. Ed. Sigueme. 1979.
- 2 — Gramsci, Antônio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1988.
- 3 — Kosik, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1976.
- 4 — Kowarick, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1976.
- 5 — Marx, Karl. *A Ideologia Alemã e outros escritos*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1965.
- 6 — Ortiz, Renato. *A Consciência Fragmentada*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1980.
- 7 — Satriani, Luigi M. Lombardi. *Antropologia Cultural e análise da cultura subalterna*. Ed. Hucitec. São Paulo. 1986.